

O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento: a contribuição de um “Negro Revoltado”

de André Luís Pereira

A proposta de superação da militância negra na produção científica

The proposal to overcome the black militancy in scientific production

por Maria Nilza da Silva**

O livro *O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento: a contribuição de um “Negro Revoltado”* resulta da dissertação de André Luís Pereira e tem como objetivo mostrar a importância da produção de Abdias do Nascimento, aliado dos cânones acadêmicos e quase desconhecido no espaço universitário brasileiro¹.

Pensar a obra de Abdias do Nascimento além do militantismo, como propõe Pereira, é uma tarefa de enorme monta, pois ele parece propor uma análise com destaque, sobretudo, à sua produção científica que, segundo o autor, supera a sua militância. Pereira afirma “a proposta para esta investigação não se restringe a expor a importância deste autor como militante, mas dispõe-se a analisar

* Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

** Doutora em Ciências Sociais; professora da Universidade Estadual de Londrina. Londrina-PR, Brasil. End. eletrônico: mnilzap@gmail.com

¹ Abdias do Nascimento lecionou em várias universidades pelo mundo, atuando inclusive como professor visitante na Universidade de Temple (Filadélfia) e na Universidade de Ifé (Nigéria). Contudo, nunca conseguiu atuar como docente em uma universidade no Brasil.

a sua produção intelectual desde uma perspectiva teórica fundamentada no valor creditado atualmente aos autores, tidos como ‘marginais’, ao pensamento social clássico de cunho científico-acadêmico” (p. 17). Nesta perspectiva, talvez convenha colocar a seguinte questão: Como separar ou ir além da militância de Abdias em sua produção científica? Sua produção é militante! Ele foi também um dos intelectuais que mais contribuiu para a difusão da ideia do panafricanismo. Além de ter lutado para tornar conhecida a realidade do negro brasileiro, ele viajou pelo mundo para conhecer a realidade da diáspora africana interagindo com intelectuais de diferentes regiões.

Na introdução, Pereira destaca a contribuição cultural do negro na obra de Nascimento. Contudo, ele era profundamente consciente da sua importância em todos os setores da sociedade, tanto que sua obra mostra a abrangência da presença negra no Brasil, embora esta não fosse reconhecida. O trabalho destaca a produção intelectual de Abdias Nascimento em três aspectos: final dos anos cinquenta, ênfase ao panafricanismo e textos no âmbito da política.

Um dos aspectos que chamou a atenção é que, ao fazer a introdução à obra (p. 15-16), Pereira menciona diferentes textos da produção intelectual, mas não cita o jornal *Quilombo*, considerado uma das principais publicações da imprensa negra por tratar dos problemas do negro brasileiro e mostrar preocupação com a situação da diáspora africana no mundo. O jornal teve a contribuição de inúmeros intelectuais nacionais e estrangeiros que publicaram importantes matérias e tornou-se uma das referências para conhecer a situação do negro como contrapartida à produção científica reconhecida e aceita pela academia brasileira, mas que nem sempre mostrava a sua realidade.

Pereira apresenta duas hipóteses para o trabalho. A primeira vincula a proposta do quilombismo, de um novo sistema de sociedade ligado ao modo de vida dos quilombos, à teoria pós-colonialista. Contudo, o autor não explica como esse novo sistema estaria ligado à teoria pós-colonial. A segunda hipótese menciona como causa do ostracismo acadêmico, ao qual foi relegado, o seu radicalismo nos escritos.

Como afirmar que ele foi radical diante do contexto em que vivia? Como não ser radical num contexto de predominância das chamadas teorias raciais científicas, notadamente para a eugenia, a ideologia do branqueamento e a apologia da mestiçagem? Ao afirmar que foi o radicalismo que levou Abdias do Nascimento ao ostracismo, parece que o autor deixa de considerar a própria causa abraçada por ele e por outros autores em suas produções e na sua própria vida. Nascimento provavelmente foi deixado no ostracismo porque abordava um tema que no pensamento hegemônico deveria ser esquecido.

Outra afirmação de Pereira é que devido ao fato da obra de Nascimento “não estar atrelada à rede de produção do conhecimento em Ciências Sociais, vigente no país entre os anos 1940-1980, sua obra não teve aceitação acadêmica por sua postura crítica ao modo de se fazer ciência no país” (p. 18). Vale a pena lembrar que Nascimento jamais escondeu a sua postura política e o seu compromisso de denunciar o racismo e a discriminação racial. Mestiço que era, jamais abriu mão de sua negritude.

Sobre a metodologia usada em seu trabalho, o autor inicialmente informa que irá basear-se na produção bibliográfica e na pesquisa biográfica de Abdias do Nascimento (p. 18); informa também que utilizará dois livros para o seu trabalho (p. 20): *O genocídio do negro brasileiro* e *O Quilombismo*.

Quanto aos capítulos, no primeiro, intitulado *O genocídio do negro brasileiro ou o processo de um racismo mascarado*, o autor analisa o prefácio de Florestan Fernandes na obra publicada por Abdias em 1978, que destaca o questionamento da suposta democracia racial. Fernandes elogia o livro por se tratar de uma obra que mostra a inexistência de uma democracia para todos, com a hegemonia da ‘raça’ branca. Ressalta, outrossim, o uso do conceito genocídio, que passa a refletir a situação do negro no pós-abolição.

O processo de embranquecimento também é objeto de corajosa crítica de Nascimento, especialmente a Gilberto Freyre, defensor do luso-tropicalismo, em detrimento de uma análise profunda sobre a situação do ex-escravizado e com elogio ao papel do luso colonizador.

Enquanto André Pereira menciona um racismo mascarado, para Abdias não há dúvidas: o racismo é evidente e capaz de aprisionar não só as mentes, mas também os corpos em territórios segregados, no desemprego, na dificuldade de acesso à educação na ausência do negro em instituições públicas e privadas de destaque no país (p. 30). Outro elemento que vale a pena salientar neste capítulo, é a luta de Abdias por divulgar internacionalmente a realidade racial no Brasil em contraposição à ideia hegemônica de perfeita harmonia e do controle dos mecanismos legais de controle social. Estes e outros temas importantíssimos da obra de Nascimento estão publicados no jornal *Quilombo* e nos textos para o Teatro Experimental do Negro (TEN).

O autor dedica apenas uma página deste primeiro capítulo ao Teatro Experimental do Negro - TEN. Ora, o Teatro foi a obra mais grandiosa de Nascimento e de companheiros como Guerreiro Ramos, entre outros, com ações prioritariamente desenvolvidas na área da educação dos primeiros membros do grupo, quase todos analfabetos, realidade que traduzia a política brasileira de exclusão e de eliminação do negro do processo educacional no país (p. 38-39).

O Teatro desenvolveu diferentes ações e atividades que proporcionavam ao negro melhorar a sua autoestima e a sua capacidade para fazer frente a todos os tipos de discriminação racial enfrentados por todo negro em seu cotidiano. Outro elemento importante do TEN foi a criação do jornal *Quilombo* que traz matérias não somente de importantes personalidades, mas também de muitos desconhecidos em lutas contra o racismo no Brasil. Por isso, foi colocada a questão inicial: como destacar a produção intelectual da militância?

No segundo capítulo, intitulado *O Quilombismo: uma alternativa de organização social*, Pereira analisa a obra de mesmo nome escrita por Nascimento durante o seu exílio nos Estados Unidos (p. 40). Segundo André Pereira, a proposta de Nascimento é contrapor o capitalismo avassalador, que superexplorou o continente africano tendo em vista a acumulação plena, com a proposta de um novo sistema de governo: o *Quilombismo*, que surge como uma proposta de nação, uma proposta vanguardista e ousada em que Nascimento critica a perspectiva marxista de análise por considerar que esta minimiza os problemas das relações raciais.

O tema da mestiçagem, considerado por Nascimento como “a possibilidade de mitigar a presença africana como elemento de formação sociocultural” (p. 59), é abordado por Pereira no capítulo três, onde apresenta a contribuição de autores, como por exemplo, Kabengele Munanga, Clóvis Moura, dentre outros, que discutem o ideal de branqueamento adotado pelas classes hegemônicas do país como elemento para eliminar o negro até mesmo do pensamento social brasileiro. Fisicamente, ele é uma presença não desejada. Pereira enfatiza: “[...] a proposta de Abdias do Nascimento para o Brasil em termos étnico-raciais sempre esteve atrelada ao reconhecimento de uma nação negra e de valorização do negro brasileiro a partir das mudanças provocadas nas estruturas de organização do poder em termos políticos e econômicos” (p.71).

Sobre a discussão da relação da obra de Abdias do Nascimento com o pós-colonialismo, há nos escritos do autor preocupação em criticar a invenção de estereótipos que colocam os afro-descendentes em constante desvantagem em razão de sua origem. Nesse sentido, a valorização dos referenciais africanos serviria também para proteção contra aqueles que tendem a conferir uma imagem de inferioridade ao negro.

No capítulo quatro, em que apresenta suas conclusões, André Luis Pereira reconhece a importância da obra de Abdias do Nascimento como referência nas relações étnico-raciais no Brasil. Além de todo o seu engajamento em prol da causa negra, a contribuição de Abdias se deve também a um diálogo com outras áreas de atuação em que Abdias se envolveu. Ele também foi jornalista, ator, artista plástico, economista, político, professor e escritor. Todas essas

funções sempre estavam atreladas à sua militância com o propósito de uma representação política e intelectual da expressão negra.

Segundo o autor, Nascimento apresentou, apenas parcialmente, um diagnóstico da sociedade brasileira e da posição do negro baseado em leituras de obras históricas e sociológicas. Ora, em grande parte da obra de Abdias do Nascimento ocorreu o processo inverso! É possível notar em Abdias a percepção de ideias de intelectuais militantes que o influenciavam em seu processo de elaboração de análise, apresentando alternativas ao pensamento social tomado como científico ou acadêmico.